

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO URBANO EM DOGVILLE

TÂNIA RIBEIRO SOARES

PROF. ORIENTADOR DRA. ROSA COHEN

APRESENTADO AO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA 2010

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 2010

Sumário

Resumo	4
Justificativa	4
Objetivo	4
Introdução	5
1. O que se passa em Dogville	7
2. Elementos de configuração urbana em Dogville.....	8
3. Riquezas esgotadas	10
4. Considerações Finais	11
Abstract	12
Referências Bibliográficas	13

REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO URBANO EM DOGVILLE

Autora: Tânia Ribeiro Soares, aluna do 6º semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

*Orientadora: Profª. Dra. Rosa Cohen[®], doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Realizou suas pesquisas acadêmicas anteriores junto à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/USP, Universidade de Barcelona e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. É autora do livro *Motivações Pictóricas e Multimedias* na Obra de Peter Greenaway, Editora Ferrari.*

[®] Profa. Dra Rosa Cohen: corderosacohen@yahoo.com.br
Tânia Ribeiro Soares: taribeiro@uol.com.br

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo analisar o cenário da obra cinematográfica “Dogville” (2003), de Lars Von Trier, por meio da captação de fotogramas do filme, relacionando sua representação espacial com as questões ambientais do meio urbano. Para fins de delimitação, foram selecionados fotogramas que mostram os elementos cênicos que aludem à representação da cidade contemporânea e seus problemas, como falta de verde, moradias precárias, áreas industriais abandonadas etc. Com base nas teorias de Edward Hall e Yi-Fu Tuan sobre o impacto dos espaços físicos nas relações humanas, esta pesquisa levanta a importância do filme de Lars Von Trier como uma obra artística de grande, embora não óbvia, contribuição para a formação de uma consciência ambiental entre estudantes de arquitetura e sugere a criação de uma mostra de cinema nacional dentro do tema “Cinema e Cidades”.

Palavras-chave: Dogville. Lars Von Trier. Representação espacial. Espaço Urbano. Meio Ambiente. Cinema.

Justificativa

O filme “Dogville” foi escolhido como uma das obras artísticas para análise neste trabalho não só por sua narrativa, que faz críticas contundentes à sociedade contemporânea e à representação americanizada do mundo, mas por sua cenografia e fotografia, recursos trabalhados pelo diretor de forma pouco ortodoxa para os padrões cinematográficos e que suscitam questionamentos sobre as relações humanas.

Lars Von Trier tornou-se conhecido mundialmente pela criação, juntamente com o diretor Thomas Vinterberg, do manifesto Dogma 95¹, em que estabelecem dez regras para a produção de filmes, tais como utilizar locações sem artifícios cenográficos; usar apenas o som captado com a imagem; realizar filmagens com a câmera na mão, e não adotar truques e efeitos especiais de qualquer tipo, entre outras. O objetivo era alcançar um resultado mais realista e resgatar as técnicas criadas no início do cinema, antes da industrialização hollywoodiana que, segundo esses cineastas, teria transformado o filme em objeto de consumo, esvaziando seu valor artístico.

Objetivo

Esta pesquisa fez a análise de “Dogville” para compreender o diálogo do cinema com a arquitetura e as relações entre o meio urbano e natural e as relações intrapessoais mediadas por esses espaços.

¹ O primeiro filme a seguir o decálogo desse manifesto foi “Dogma # 1, Festa de Família”, (ANO) de Vinterberg. O único filme de Von Trier realizado em total obediência às regras foi “Dogma # 2, Os idiotas” (*Idioterne*, 1998).

Introdução

Este trabalho é parte integrante da pesquisa *“Espaços de Representação e Significação: funções da Arquitetura e da Arte em Projetos Ambientais”*, orientada pela Prof. Dra. Rosa Cohen, que tem por objetivo a análise ou a concepção de projetos arquitetônicos, espaços públicos, obras plásticas e cinéticas de alguma forma associadas à Ecologia e à consciência ambiental, dentro da linha de pesquisa Conexões da Arquitetura e Urbanismo com a Ecologia, mantida pelo Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Entre os espaços públicos e as obras selecionadas para estudo estão o Highline Park, situado em Nova Iorque, o elevado Costa e Silva, em São Paulo, onde foi realizada a instalação La Posa, criada pela artista brasileira Paola Junqueira especialmente para este projeto, todos estudados pelo aluno pesquisador Ian Duarte Lucas; as esculturas do artista polonês naturalizado brasileiro Franz Krajcberg, estudadas pela aluna pesquisadora Nathalia Portela; e a obra cinematográfica *“Dogville”* (2003), do cineasta dinamarquês Lars Von Trier, aqui analisada.

Dogville é o primeiro de uma trilogia intitulada *“EUA, Terra de Oportunidades”*, também composta por *“Maryland”*, lançado em 2005 e *“Washington”*, sem previsão de estréia. “Quando estive em Cannes com *“Dançando no Escuro”* (2000), os jornalistas americanos criticaram-me por ter feito um filme sobre a América sem nunca ter posto os pés lá. Isso me irritou, porque tanto quanto me lembro eles fizeram *“Casablanca”* sem nunca lá terem ido. Achei isso injusto e resolvi fazer outros filmes que decorressem na América”. (TRIER, 2003, p.5)

Para o filme aqui analisado, o diretor não escreve nenhum manifesto, mas faz novas experimentações principalmente no cenário, completamente artificial, nos recursos sonoros e na câmera, que por vezes está na mão e outras instalada em uma grua. A pequena *Dogville* é criada em um galpão, com suas poucas “edificações” e ruas representadas pelo desenho a giz no chão negro, numa apropriação dos elementos do desenho arquitetônico pelo cinema (Foto 1). Do ponto de vista técnico, o diretor parece resumir a cidade a esses desenhos, aos poucos objetos de cena (torre, armação de janelas, móveis e utensílios – Foto 2) e à sonoplastia a fim de tornar ainda mais evidentes as ações dos atores, aproximando-se também da linguagem do teatro.

A retirada das portas e paredes e os espaços delimitados apenas por desenhos no chão podem revelar uma significativa representação de um microcosmo que remete à situação de desequilíbrio das metrópoles contemporâneas. Mesmo sendo um vilarejo situado na região das Montanhas Rochosas², *Dogville* com

² “E que montanhas não são rochosas?”, questionou Lars Von Trier, em entrevista a imprensa internacional na ocasião do lançamento do filme no Festival de Cannes. “Quando nunca lá fomos, parecem fantásticas. Parece um nome saído de um conto de fadas”. (TRIER, 2003, p.5)

suas residências, comércio, templo, mina abandonada e quase nenhum verde pode ser interpretada como uma alegoria do espaço urbano que nega o meio natural.

E é essa perspectiva que esta pesquisa busca na análise de “Dogville”: o cinema em diálogo com a arquitetura para discutir as relações entre o meio urbano e natural e as relações intrapessoais mediadas por esses espaços. Como base teórica para esta análise, esta pesquisa se apóia nas teorias do antropólogo Edward T. Hall, autor do livro *A Dimensão Oculta*, no qual é construído o conceito da ciência da proxêmica, definida pelo próprio autor como a "inter-relação entre as observações e teorias do uso que o homem faz do espaço como uma elaboração especializada da cultura" (HALL, 2005, p. 1), e também nas teorias de Yi-fu Tuan, autor do livro “*Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio ambiente*”, em que o autor defende a tese de que a humanidade precisa conhecer a si mesma para pode encontrar soluções para as questões ambientais.

Para fins de delimitação da pesquisa, foram analisados fotogramas capturados do filme que mostram a maneira como o diretor Lars Von Trier concebe o espaço para construir Dogville e contar a história de seus habitantes. Para a captura das imagens a partir do filme em DVD foi utilizado o software gratuito Screenhunter 5 Free, desenvolvido e distribuído pela Wisdom Soft.

As imagens aqui analisadas são de cada um dos lugares que compõem o vilarejo ou de cenas que revelam ações importantes dos personagens para a temática das relações entre o ser humano e os lugares ocupados por ele, já que o objetivo desse trabalho é compreender a inter-relação entre o espaço representado no filme e o meio urbano.



Foto 1: Esta cena de Dogville foi montada em computador a partir de 156 tomadas individuais, já que o estúdio onde ocorreram as filmagens não tinha altura suficiente para a câmera enquadrar todo o cenário de uma só vez. Poucos objetos e elementos arquitetônicos constroem o espaço cênico e estabelecem relações espaciais entre os personagens. Nesta análise esta cena é tomada como a planta urbana da cidade.

1. O que se passa em Dogville

Embora o foco deste trabalho seja a cenografia e não sua narrativa e as discussões morais e filosóficas que dela surgem, já que há vários críticos estudiosos que se encarregaram de fazer essas relações na época do lançamento do filme, convém fazer uma pequena sinopse para fins de esclarecimento.

Situado na época da depressão econômica de 1929, momento significativo da história americana, o filme é estruturado em um prólogo e nove capítulos, nomeados com prelúdios que criam expectativas do expectador em relação à ação. Um narrador conta a história de Grace (Nicole Kidman), fugitiva de um grupo de *gangsters* que chega à isolada povoação de Dogville. Liderados por Tom (Paul Bettany), auto-nomeado escritor e porta-voz da vila – que insiste em dizer que a cidade sofre de um problema de aceitação do outro –, a pequena comunidade decide esconder a moça que, em troca, aceita trabalhar para eles. No início, ninguém lhe dá trabalho, já que cada um poderia tomar conta de suas próprias tarefas, e sua estada fica ameaçada. Mas depois começam a aparecer pequenos serviços, só para provarem que Tom estava errado. As tarefas vão ficando cada vez mais. Mais tarde a população descobre que Grace é procurada e se dá conta da importância dela e passa a exigir um acordo mais vantajoso para os moradores, que estariam em risco por esconder uma fugitiva.

Grace vai então conhecer, da pior forma, quão relativo é o conceito de solidariedade em Dogville. Mas ela também esconde um segredo que fará a cidade arrepender-se das suas exigências.

2. Elementos de configuração urbana em Dogville



Foto 2- Visão panorâmica da cidade de Dogville, com as “Montanhas Rochosas” ao fundo. A cidade se resume às casas dos moradores, a igreja, a mercearia, a praça e as minas abandonadas (ao fundo à direita).

As conexões de Dogville com a Ecologia não são óbvias como em filmes que carregam uma bandeira ideológica, tais como o documentário “Uma Verdade Inconveniente” (EUA, 2006), o drama “Erin Brockovich” (EUA, 2000) ou mesmo a singela animação “Happy Feet” (EUA, 2008)³, entre outros. Von Trier constrói seu discurso ecológico de forma sutil, por meio do cenário, figurino ou em poucas falas do narrador e personagens.

A principal rua de Dogville recebe o nome de Elm Street, ou rua dos Olmos, “embora não haja nenhum Olmo em Dogville”, como diz o narrador e se pode ver nas imagens acima (Fotos 1e 2). A árvore em questão tem folhagem

³ Em “Uma verdade inconveniente”, ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore apresenta uma análise da questão do aquecimento global. Em “Erin Brockovich”, filme baseado em personagens e fatos reais, a protagonista derruba uma grande corporação californiana que polui os mananciais da região, deixando moradores doentes. A animação “Happy Feet” busca a conscientização de jovens e crianças sobre a biodiversidade por meio do personagem principal, um pinguim que faz parte de um grupo ameaçado de extinção pela falta de alimento causada pela pesca predatória.

vistosa e chega a atingir 30 metros de altura e é uma das mais comuns em parques da Europa e Estados Unidos por estar ameaçada de extinção. Segundo o botânico americano Peter Raven, em entrevista à revista *Superinteressante* em 1991, o olmo europeu sofre de uma doença incurável⁴, causada por desequilíbrio ecológico, e uma de suas variedades, nativa da Ilha Reunião, no Oceano Índico já estava extinta na época da entrevista. “Num espaço de trinta anos, 60 000 espécies de plantas terão desaparecido da face da Terra. No ano 2040 restarão poucas florestas em todo o mundo. A perda total das árvores trará consigo o sofrimento humano, e diante dele a destruição da vida das plantas vai parecer um problema supérfluo”.

Do que se poderia chamar de área verde, *Dogville* tem apenas um canteiro de arbustos de groselhas, desenhado a giz no chão, situados no quintal da personagem Ma Ginger, proprietária da mercearia; e uma macieira representada por uma árvore artificial no espaço onde está o Banco da Senhora (*Old Lady's Bench*) (Foto 3).

A intenção do diretor com essas representações talvez fosse retratar um lugar pobre em recursos, já que está descrevendo uma cidade americana assolada pela recessão econômica da década de 1930. Na narrativa, a colheita de maçãs é a fonte de renda mais importante da família numerosa dos personagens Chuck e Vera e os arbustos de groselha não parecem demorar a dar frutos, por conta das “técnicas de jardinagem ineficientes” de Ma Ginger, como menciona o personagem Tom. Contudo ao espectador mais atento é permitido fazer uma leitura mais abrangente e perceber uma crítica à ação do homem no meio ambiente, como se fosse mais uma camada de informações e reflexões que o diretor vai deixando na tela.



Foto 3 – Montagem que mostra a representação do que seriam as áreas verdes de *Dogville*: na primeira imagem a personagem Ma Ginger trabalha com os arbustos de groselha que são apenas desenhados no chão, como se vê detalhe ao centro. Na imagem da direita, a protagonista Grace trabalha na colheita de maçãs em árvore cenográfica.

⁴ A doença que ataca o olmo é causada por um parasita e conhecida na Europa desde 1910. Foi mais tarde detectada nos Estados Unidos e reimportada para a Europa, por acidente, na década de 70 via Amsterdã. Por isso é chamada de doença holandesa do olmo. Alguns sobrevivem na França e há uma pequena colônia em Brighton, Inglaterra, que resistiu à grande tempestade que se abateu sobre a cidade em 1987. Fora daí, nunca mais se viu um olmo adulto na Inglaterra e dentro de pouco tempo também deixará de existir na França. (FOLHAS VIRADAS DO LIVRO DA FLORESTA. *SUPERINTERESSANTE*, n. 50, nov. 1991)

3. Riquezas esgotadas

Um outro espaço da cidade de Dogville que pode ser associado aos problemas enfrentados por várias cidades é a Velha Mina, representada por pórticos de madeira que vão reduzindo a altura para mostrar a profundidade, localizada no fim da rua, ou “dead end”, como é apontado no filme (Foto 4).

A mina é o lugar onde Grace se esconde todas as vezes que está prestes a ser encontrada pela máfia ou pela polícia. É na porta da mina que Grace e Tom conversam sobre a situação em que a moça se encontra após os abusos inflingidos pelos moradores. Nesta cena, Grace está usando a ferragem que prende a corrente e uma pesada roda ao seu pescoço para evitar que fuja e é possível ler a inscrição “Dictum ac Factum” (Dito e Feito), bastante sugestiva para a narrativa, já que Tom tenta provar para a cidade que eles têm um problema de aceitação do outro e a essa altura do filme se descobre que, pelo menos nisso, ele estava correto.



Foto 4 – À esquerda, representação da Velha Mina, onde Grace se esconde cada vez que seu paradeiro está prestes a ser revelado. À direita, Grace mostra seu despondimento com a cidade e com Tom em frente à inscrição “Dictum ac Factum”

Ao lado da mina está representada a casa de Olivia, mulher negra que trabalha como empregada da família Edison e vive com sua filha deficiente June, graças à “liberalidade do dr. Thomas Edison”, nas palavras de Tom sobre seu pai. Em frente à casa de Olivia e June vivem Chuck e Vera, um trabalhador rural e uma dona de casa, com seus filhos, crianças que aparecem sempre sujas, e são educadas em casa pela mãe. É possível associar as casas de Olivia e June e de Chuck e Vera aos bairros operários das grandes metrópoles que, com a desativação das indústrias e os problemas socioeconômicos sofridos pela população, acabam por se degradar.

É interessante lembrar que na mesma direção das minas estão as montanhas, lugar onde Tom encontra Grace pela primeira vez e lhe diz “Não iria por aí, se fosse você”, como forma de apontar o perigo que a moça correria indo para o “meio selvagem”, sem a presença de outros humanos e que estaria a salvo na

cidade. Ao impedir que Grace se dirija às montanhas, Tom revela um conceito arraigado na mente humana: a natureza é perigosa e deve controlá-la, como se não fôssemos parte dela.

De acordo com o geógrafo Yu-Fu Tuan, “certos aspectos da natureza desafiam o controle humano fácil: são as montanhas, desertos e mares. (...) A tendência do homem tem sido responder emocionalmente a estes aspectos recalcitrantes da natureza, tratando-os em uma época como sublime em outra como desagradável”. (TUAN, 1980, p. 80). Segundo o autor, essas opiniões mudam de acordo com a época, a cultura e as tecnologias disponíveis, mas em todos os casos o homem se vê destacado da natureza, que é ora um conjunto de recursos a seu dispor ou uma ameaça, e é essa atitude que se precisa modificar para que a humanidade possa reverter os danos causados ao meio ambiente e os riscos impostos à própria espécie.

Segundo Edward Hall, o homem é o único que evoluiu por construir extensões de seu corpo (meios de transporte e de comunicação, por exemplo) para poder superar suas limitações e controlar a natureza. “Uma das principais diferenças entre o ser humano e os animais é que o ser humano domesticou a si mesmo com o desenvolvimento de suas extensões e começou a filtrar seus sentidos para conseguir pôr mais gente num espaço menor. A filtragem ajuda, mas o acúmulo da população ainda pode ser letal” (HALL, 2005, p 229).

Em seu livro Hall dá exemplos de problemas de saúde causados pelo excesso de população e também de casos em que a agressividade é causada pela proximidade excessiva dos ocupantes de um lugar. Embora a população de Dogville seja pequena, a simples chegada de mais um habitante acaba por provocar mudanças profundas e definitivas na vida dos moradores por causar confronto. Os abusos e humilhações sofridos por Grace, todos de alguma forma associados com a invasão de seu espaço pessoal, culminam na extinção de Dogville.

4. Considerações Finais

A partir dessa análise, pode-se considerar o filme Dogville como uma obra cinematográfica importante para a discussão dos problemas do meio urbano entre estudantes e interessados em arquitetura e urbanismo: seu cenário sugestivo se relaciona diretamente com as representações gráficas da arquitetura e do desenho urbano; detalhes da construção de sua narrativa suscitam discussões sobre a relação do homem com o meio em que vive – se é harmônica ou predatória – e, por ser uma obra polissêmica, pode ser estudada de várias outras formas, utilizando teorias de outros autores.

Este trabalho abre uma possível série de análises fílmicas que possam servir como instrumento para estudos de urbanismo, formada por obras nacionais. “Central do Brasil” (Walter Salles, 1998), “Cidade de Deus” (Fernando Meirelles, 2002), , “Redentor” (Claudio Torres, 2004) são algumas obras que podem ser analisadas e compor uma mostra de cinema universitária sobre o tema “As cidades no cinema”.

URBAN SPACE REPRESENTATION IN DOGVILLE

Abstract: This study aimed to examine the scenario of Lars Von Trier’s film "Dogville" (2003), by capturing some frames from the movie and relating it with the urban space and its environmental issues. For delimitation purposes, the frames selected show the scenic elements that allude to the representation of the contemporary city and its problems, such as lack of green, substandard housing, abandoned industrial areas etc. Based on the theories of Edward Hall and Yi-Fu Tuan about the impact of the physical spaces in human relationships, this research raises the importance of film as a contribution to the formation of an environmental awareness among students of architecture and also suggests a Film Festival, with Brazilian Movies under the theme “Cine and Cities”.

Palavras-chave: Dogville. Lars Von Trier. Space representation. Urban space. Urban environment.

Referências Bibliográficas

HALL, Edward. A dimensão oculta. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

TUAN, Yi-Fu; Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

Site

TRIER, Lars von. Release oficial do filme Dogville. Atalanta Filmes, 2003.
Disponível em: www.atalantafilmes.pt/2003/dogville/Dogville.doc.
Acesso em 15/11/2009

Revista

FOLHAS VIRADAS DO LIVRO DA FLORESTA. *SUPERINTERESSANTE*, n. 50, nov. 1991. São Paulo: Editora Abril. Disponível em:
<http://super.abril.com.br/ecologia/extincao-folhas-folhas-viradas-livro-floresta-440066.shtml>.
Acesso em: 15/05/2010

Ficha técnica do filme:

Dogville

Dinamarca / Suécia / França / Noruega / Holanda / Finlândia / Alemanha / Itália / Japão / Estados Unidos / Inglaterra. 2003.

Duração 177 min.

Direção: Lars Von Trier. Roteiro: Lars Von Trier. Distribuição: Imovision.
Elenco: Nicole Kidman – Grace; Harriet Andersson – Gloria; Lauren Bacall - Ma Ginger; Paul Bettany - Tom Edison, filho; Blair Brown - Sr. Henson; James Caan - O pai; Patricia Clarkson – Vera; Jeremy Davies - Bill Henson; Ben Gazzara - Jack McKay; Philip Baker Hall - Tom Edison, pai; John Hurt: Narrador off; Zeljko Ivanek: Ben